Realização pessoal e autoconceito: superando a vulnerabilidade social

Douglas Flores de Oliveira

Universidade de Passo Fundo

E-mail: umparadoxo@gmail.com

Sabrina Alves de Souza

Universidade de Passo Fundo

Como citar:

OLIVEIRA, Douglas Flores de; SOUZA, Sabrina Alves de. Realização pessoal e autoconceito: superando a vulnerabilidade social. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA: VULNERABILIDADE, PROTAGONISMOS E DESAFIOS, 2, 2016, São Paulo. **Anais...**[S. l.]: 2016. p. 53-54.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22388/2525-5894.2016.032>

Introdução: sistemas de ensino superficiais prejudicam a autonomia da resolução de problemas através de uma automatização e adestramento que ignoram contextos de vulnerabilidade. Os ambientes escolares têm aprisionado pensares e produzido supostos saberes que servem como um “elixir” que tem por propósito a cura da rebeldia e da arte, promovendo surdez, mudez e cegueira; gerando seres que apenas apalpem o mundo sem, no entanto, percebê-lo. A única relação oportunizada aos alunos é de competição, onde o entorno cognitivo passa a ser preenchido por um embotamento da razão e dos projetos de vida. A educação deve participar do cotidiano, tocando contextos e rotinas, e usar deles como dispositivos de libertação, pois atualmente as crianças em idade escolar passam menos tempo ao ar livre e sob o sol do que presidiários. O atual modelo educacional deve ser esquecido, e em seu lugar deve-se adotar um modelo sem confinamentos, cujas bordas sejam heréticas e cuja essência participe do cotidiano, convertendo estas normativas que regem o pensamento educacional. As crianças e adolescentes não fazem parte de um mundo para serem medidos por ele. Precisamos de uma praticidade que esfale caricaturas.

Objetivos: alterar o pensamento de pais e docentes, reconfigurando o sistema educacional de uma escola de forma que gere libertação da vulnerabilidade social em que alunos e familiares estão submetidos.

Métodos: o projeto deu-se numa escola de médio porte com alunos de baixo nível socioeconômico. A escola conta com vinte e dois profissionais e localiza-se em área com alto índice de roubos, violência e vulnerabilidade social, onde os estudantes são vistos por todos com olhares de subestima. O trabalho deu-se na turma de nono ano, com alunos de ambos os sexos na faixa etária entre treze e dezessete anos. A estratégia de aumento da autoestima como forma de superar a vulnerabilidade dos alunos por meio dos responsáveis e professores tem maior eficácia devido à sua maior possibilidade de retroalimentação e/ou contingência, pois suporta-se em um tripé motivacional e gerenciativo da energia disposta. A família,

quando percebe o seu real valor de influência sobre os filhos, tende a dar maior importância a este na escola e maior motivação para o mesmo estudar e lutar por autonomia. A união entre pais e professores no processo de aprender das crianças rende resultados positivos, tanto cognitiva quanto afetivamente, além de criar-se novos significados para situações cotidianas do mundo e da sala de aula, eliminando quaisquer possibilidades de estigmatização. O trabalho deu-se em três partes, sendo conjunto, sinérgico e gradativo, com cada fase obedecendo um rigor metodológico e teórico, dependendo de seus resultados para seguir adiante. A primeira parte foi diagnóstica-observacional: aqui os cuidados centraram-se na observação da turma, conhecimento contextual do ambiente e das dinâmicas grupais, e contato com equipe profissional. A observação é a forma mais efetiva de perceber o processo educacional, evitando rótulos e diagnósticos precipitados. A etapa posterior foi o contato ativo de intervenção no contexto da sala de aula, das famílias e das metodologias didáticas e organizacionais praticadas por professores. Concluída a parte das intervenções e comunicação ativa, a já aceita participação de todos e a maior incisão dentro do ambiente, contexto e prática, partiu-se para a última etapa do projeto, onde houve desenvolvimento de atividades lúdicas/criativas. Houve palestras para os participantes, músicas, elaboração e amostra de painéis, aulas no ginásio, recital, troca de elogios, apresentação de talentos, leituras, declamações e extinção de punições.

Resultados: maior liberdade entre os estudantes, diminuição das punições usadas pelo corpo docente, emancipação criativa e didática, e noção de que a “aula” vai além da sala e o aprendizado além da escola.

Conclusões: o projeto buscou desenvolver a relação dos educandos com o poder, o aprender e o lócus onde atuam. Um dos efeitos imediatos foi a vivência de maior realização pessoal e de um autoconceito positivo. Aqui é necessário discutir a questão da autoestima como uma proposta de projeto político pedagógico que compartilhe princípios de solidariedade e identidade grupal, pois a escola é um “lócus” importante de humanização e construção da consciência, tanto em seus aspectos cognitivos (apropriação crítica de conteúdos e operações) como afetivos e éticos. Assim sendo, vemos que a prática de ensino não é só cognitiva, mas principalmente afetiva. Quando educadores criam vínculos ativos de afeto com os alunos, surge um suporte propício a maior aprendizagem e satisfação em ambos os atores; a obrigação da educação torna-se, assim, um prazer.

(Instituição de apoio: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santo Ângelo.).

Palavras-chave: Educação. Vulnerabilidade. Autoconceito. Realização. Autonomia.